



O amor ao próximo como caminho para a verdadeira liberdade segundo Gl 5,13-26

Brotherly love as a path to true freedom
according to Gl 5,13-26

*Boris Agustín Nef Ulloa**

*Rafael Willian Mariano***

Recebido em: 31/10/2019. Aceito em: 22/11/2019.

Resumo: *Este artigo apresenta como as raízes judaicas de Paulo de Tarso influenciaram seu ensinamento sobre a centralidade do mandamento do amor ao próximo. Para expressar a intertextualidade deste mandamento, tomou-se a perícopes de Gl 5,13-26. Após aprofundar o contexto das Igrejas da Galácia, indica-se como a infiltração de missionários judaizantes, que buscavam combater o evangelho paulino vivido nessas comunidades, inflamou o zelo apostólico de Paulo. Para sanar este desvio presente entre os Gálatas, o Apóstolo sublinha a graça do mistério de Cristo e o dom do Espírito como fonte do amor na vida dos batizados, o único caminho capaz de gerar e conduzir para a verdadeira liberdade dos filhos e filhas de Deus. Conclui-se com uma aplicação pastoral da vivência do amor ao próximo nos dias atuais.*

Palavras-chave: *Amor ao próximo. Gálatas. Paulo Apóstolo. Liberdade. Espírito Santo.*

Abstract: *This article presents how Paul of Tarsus' Jewish roots influenced his teachings on the centrality of the commandment to love one's neighbor. To express the intertextuality of this commandment, the pericope Gal 5: 13-26 was taken. After deepening the context of the Galatian Churches, it is pointed out how the infiltration of Judaizing missionaries – seeking to combat the Pauline gospel lived in these communities – ignited Paul's apostolic zeal. To remedy this*

* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 2008). Mestre em Teologia (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2001); Graduado em Teologia (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1995). Graduação em Ciências Biológicas (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, São Paulo, 1989).
E-mail: banefulloa@gmail.com

** Mestrando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Graduado em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016).
E-mail: ra.wilian@gmail.com





deviation present among the Galatians, the Apostle underlines the grace of the mystery of Christ and the gift of the Spirit as the source of love in the life of the baptized, the only way capable of generating and leading to the true freedom of the sons and daughters of God. It concludes with a pastoral application of the love of neighbor's experience in the current time.

Keywords: *Love of neighbor. Galatians. Paul Apostle. Freedom. Holy Spirit.*

Introdução

O amor ao próximo, guardando algumas variações de como se compreende quem é este próximo, é temática que perpassa todas as tradições escriturísticas do povo judeu. Logo, o apóstolo Paulo, como exímio judeu fariseu, não poderia ficar distante desta temática essencial de sua tradição religiosa. É evidente que o Apóstolo pôde reconsiderar (e de fato reconsiderou) vários aspectos da fé judaica, mas a vivência do amor, essa dimensão profunda da fé, não pode ser renunciada ou minimizada. Basta notar como essa questão tem proeminência em todos os seus escritos.

Certamente se pode observar isto, em alguns excertos do *corpus* paulino, no intento de compreender melhor como o Apóstolo entende o amor ao próximo e quais as relações com a tradição hebraica, atestada pelas Escrituras. Em Rm 13,8-10, Paulo exorta a comunidade, constituída no coração do Império, a exercitar-se na caridade, e declara explicitamente que a vivência do amor ao próximo é o pleno cumprimento da Lei (v. 10b). Ainda, em seu hino sobre a caridade, em 1Cor 13, exortando a comunidade recalitrante a abandonar a exaltação arrogante de sua “gnose fria”, chama-a a abraçar o amor que nunca passará (v. 8c). Paulo não poupa esforços para demonstrar e provar que aquele que recebe de modo genuíno o anúncio do querigma cristão, não pode admitir uma outra conduta que não seja essa. Em Gálatas 5, certamente alguns elementos constitutivos do pensamento paulino, acerca do amor ao próximo, reaparecem. Eis o tema deste artigo!

1 As Igrejas da Galácia, seu contexto e a causa do conflito teológico-pastoral

No desejo de se fazer uma análise mais pormenorizada de Gl 5,13-26, algumas questões precisam ser comentadas, a saber: a inter-relação entre o pensamento paulino e a tradição veterotestamentária,



bem como algumas implicações pastorais para a atualidade. Mas, para isso, é necessário compreender, mesmo que de maneira breve, quais as características e sob quais condições se dá o anúncio do Evangelho, nas comunidades da região da Galácia.

Estudos epigráficos na Anatólia central, a região povoada pelos gálatas, revelam que tipo de nomes celtas, gregos, romanos e frígios aparecem na mesma família. Seria difícil encontrar um exemplo mais descritivo da complexa formação étnica dos membros das igrejas da Galácia. Os celtas ou gálatas – os nomes são usados alternadamente pelas fontes clássicas – que entraram na Ásia Menor em 278 a.C. não eram o tipo comum de mercenários¹.

Paulo escreve às comunidades da região da Galácia cujo território apresentava uma grande diversidade de culturas e um histórico expressivo de conflitos internos. Outro elemento a ser destacado, concerne à religião frígia, dominante na região. Esta possuía deuses que eram cultuados pelo povo em êxodo, a fim de lhes proporcionar rápida aceitação, passando pela via dos costumes locais. Um exemplo bem claro disso, é a rápida ascendência ao sacerdócio exercido na Galácia, por parte da nobreza celta, presente ao território.

Assim sendo, é dentro deste contexto tão caleidoscópico que Paulo elabora sua breve tratativa (em 6 capítulos) dirigida às igrejas presentes na Galácia (cf. Gl 1,2). Na qual, de modo especial, exorta os cristãos a retornar ao “seu evangelho”, isto é, à compreensão de que a verdadeira justificação se dá por intermédio da fé em Cristo e que não há outra possível mediação soteriológica.

Quanto à redação desta carta autêntica, alguns estudiosos a situam por volta do ano 53 d.C.. Sendo que os mesmos se dividem em discussões a respeito de a quais “igrejas” (utiliza-se a expressão no plural) o Apóstolo estaria se dirigindo. Dentro deste debate, alguns afirmam se tratar de cidades da Galácia (Pessinunte, Germa e Ancira), outros ainda defendem a posição de que Paulo se vê tão decepcionado com os cristãos gálatas, que utiliza a expressão “igrejas” para se dirigir a comunidades domésticas, casas específicas, instituídas pelos cristãos como espaço para a celebração da palavra e a partilha do pão. Decepção essa, gerada pela pregação de infiltrados que, segundo o Apóstolo, pervertiam o Evangelho de Cristo, atestando que a salvação se dava por meio da adesão à Torá.

¹ O’CONNOR, J. Murphy. *Paulo – Biografia Crítica*. p. 196.



Na carta aos gálatas, se encontra, provavelmente, a mais antiga tratativa sobre a doutrina da justificação pela fé.

Quem vê a lei como parte integrante da aliança, de tal modo que a eleição gratuita da parte de Deus encontra sua correspondência subsequente no cumprimento humano da Lei, concede à lei um lugar que, segundo Paulo, não lhe corresponde. Essa unidade entre aliança e lei como caminho de salvação para alcançar a vida concede às “obras da lei”, uma importância que, conforme a visão do Apóstolo, elas não podem ter. Quem assim procede quer ser “justificado pela lei” (2,21; 5,4); pretende apoiar-se em seus êxitos com a lei e não está disposto a atribuir somente a Cristo a glória da redenção (Gl 6,13s). Não lhe basta “ser justificado em Cristo (2,17). Ele não confia unicamente na graça da cruz, mas atribui ao cumprimento da Lei parte de sua redenção escatológica².

2 O amor ao próximo como fruto da vida no Espírito

O mandamento do amor ao próximo, em Gl 5,13-26, figura em destaque, como astro principal, tendo o conceito de liberdade, obras da carne e os frutos do Espírito orbitando ao seu redor. Por isso, não se poderá, ao analisar este mandamento em Paulo, deixar sem qualquer tipo de correlação estes outros três elementos da teologia do Apóstolo.

Os fiéis precisam proteger sua liberdade contra a escravidão à lei (Gl 5,1) e, contudo, usar sua liberdade para cumprir a lei, servindo uns aos outros por meio do amor (Gl 5,13-14). Já não estamos sob a lei que nos divide; somos conduzidos pelo Espírito que nos une. Paulo reforça esses conceitos básicos de liberdade por meio da cruz de Cristo e da unidade por seu Espírito com outros temas complementares: um relato de seu chamado para evangelizar os gentios (Gl 1,13-26), um registro de sua lealdade à evangelização dos gentios em seus relacionamentos com os outros apóstolos (Gl 1,17-2,21), uma explicação da justificação pela fé, não pelas obras da lei (Gl 2,16; 3,5-12), uma exposição de textos veterotestamentários a respeito da promessa abraâmica e da lei mosaica no contexto da história da salvação (Gl 3,6-25; 4,21-31) e uma definição da ética cristã em termos da carne e do Espírito (Gl 5,13-6,10)³.

² BECKER, J. *Apóstolo Paulo – Vida, Obra e Teologia*. p. 410.

³ HANSEN, G. W. “Carta aos Gálatas”, in: HAWTHORNE, G.F. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. p. 579.



Assim sendo, o Apóstolo, no v. 13, sublinha a condição de liberdade em que, a graça de Cristo e de seu Evangelho, coloca a todo o fiel que adere de coração sincero a este mistério de amor. Esta convicção é reafirmada, pois logo no início do capítulo 5 de Gálatas, Paulo principia seu discurso sentenciando “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (v. 1). Porém, uma pergunta é inevitável: que liberdade é essa? É uma liberdade que não pode servir de pretexto para se viver *segundo a carne* (v. 13b); mas para demonstrar amor de uns para com os outros. Paulo, no seu projeto de evangelização dirigido aos gentios, se distancia da prerrogativa da circuncisão e demais práticas da lei judaica, as quais eram amplamente incentivada pelos diversos grupos infiltrados na região da Galácia, advindos de Antioquia⁴, e colocavam em xeque a pregação da supremacia absoluta da graça de Cristo, tão cara ao Apóstolo.

Com termos semelhantes, Paulo, no v. 14, define, como em Rm 13,8, que o mandamento do amor ao próximo é a síntese da vivência verdadeira do querigma cristão. Portanto, nesta expressão se encontra todo o programa de vida, ao qual é chamado cada novo crente que se integrava às comunidades da Galácia.

Paulo leva os gálatas a assimilar que a liberdade toma sua força no encontro com o amor. É liberdade para o amor com o irmão. O interessante aqui é que Paulo, ao citar o Antigo Testamento (Lv 19,18), toma um texto que fala só do “próximo” e não toca no nome de Deus. É importante compreender o irmão.

“Como a ti mesmo”: é natural que toda pessoa se ame a si mesma, que busque sua realização e procure ser feliz. A mística de Paulo é forte. Não cita Deus. Fala da busca do outro como se se estivesse buscando a si próprio. Como cada um busca a própria felicidade, numa vida comunitária é preciso buscar a felicidade, a promoção e a realização do outro. Isso é evangelho. É preciso amar o outro como se fosse a própria pessoa⁵.

Com esta parênese, Paulo adverte os gálatas sobre o mal que estão difundindo na comunidade, por agirem desta forma. Devorar uns aos outros, dilacerar-se mutuamente, vai na contramão do amor atribuído ao outro, diferentemente do tratamento que se costuma dar a si mesmo. Alguns autores, neste ponto, acenam para a possibilidade de que estivessem se difundindo nas comunidades da Galácia algumas contendas, justamente pela tomada de partidos, realidade muito semelhante àquela

⁴ O’CONNOR, J. Murphy. *Paulo de Tarso – História de um Apóstolo*. p. 151.

⁵ FERREIRA, Joel Antônio. *Gálatas – A Epístola da Abertura de Fronteiras*. p. 167-168.



denunciada na comunidade de Corinto, onde uns diziam ser de Paulo, outros de Apolo, outros de Cefas (cf. 1Cor 3,4). Tal mentalidade produz divisão nas comunidades e nunca é demais recordar que reino dividido contra si mesmo perece (cf. Mc 3,24). Assim, Paulo se apressa em conduzir seus leitores e ouvintes, a partir de uma dinâmica de liberdade, para uma conduta de maior reciprocidade no amor mútuo e na compreensão recíproca.

Assim, diferentemente da compreensão veterotestamentária do mandamento do amor ao próximo, que em direito *apodíctico* (aqui em sentido negativo), a tradição judaica se vê obrigada a agir com caridade para com o outro, em Paulo se evidencia que este mandamento não é mais uma obrigação, mas uma condição *sine qua non* para caminhar rumo à autêntica liberdade dos filhos e filhas de Deus, oferecido por Cristo e selada pelo seu Espírito.

Para crescer na vivência do amor que, em Paulo é expressão da liberdade, é necessário que todo cristão pautе sua conduta pelo Espírito e, assim, produza os frutos do Espírito e não as obras da carne (cf. Gl 5,16-26). É interessante observar esse “embate” constante, segundo o Apóstolo, ocorre no interior de toda pessoa crente. Com outras palavras, ele reflete sobre o drama existencial de não se fazer o bem que se quer, mas ao contrário, atender aos desejos do mal que não se quer (cf. Rm 7,19).

Em 5,16-25 representa-se o horizonte empenhativo da liberdade cristã, centrando-o na antítese “Espírito” – “carne”. Trata-se de duas linhas dinâmicas que definem o agir da pessoa; ou de duas forças que empurram para direções opostas. Estão em luta uma contra a outra para conquistar terreno, ou seja, a esfera de influência sobre o homem. Mas este permanece sempre o verdadeiro sujeito operativo e responsável, ainda que movendo-se sob o impulso do Espírito ou da “carne”. Emerge, aqui, um aspecto característico da antropologia paulina. O homem dominado pela força egocêntrica da “carne” pode até desejar uma vida diferente, mas seus desejos são inócuos. Não é capaz de traduzi-los em atos e opções capazes de transformar a orientação de sua vida. Requer que seja libertado pela graça (cf. Rm 7,14-25)⁶.

Vale ressaltar que a categoria carne (*sarx*) não diz respeito ao corpo em si, mas a uma atitude de vida fechada em si mesmo, arrogante e auto-referencial que produz frutos e obras que ofendem a Deus e aos

⁶ BARBAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo II*. p. 107.



semelhantes. A qual e que, por consequência, se opõe a um modo de viver segundo o Espírito. Tal distinção é necessária, pois, se não, poder-se-ia cair num dualismo descabido, onde se condena o corpo e se supervaloriza o espírito, como se estas duas dimensões de um único indivíduo não fossem necessárias para se constituir sua totalidade. O próprio Jesus, ao ressuscitar, toma a vida em seu corpo, é alçado à glória dos céus, aperfeiçoando esta natureza humana.

Portanto, quando Paulo fala de “obras da carne” ele faz referência a atitudes, que revelam um distanciamento ou um descompasso entre uma vivência humanizada e desumanizada. Isto é, são as atitudes que tem como fonte uma existência (vida) segundo a carne, no fechamento em si mesmo, opostos aos frutos produzidos por alguém que se deixa guiar pelo Espírito. Assim, na autonomia e na dinâmica da liberdade, cada fiel é chamado a optar.

Tendo por objetivo não esgotar num catálogo, quais seriam as obras da carne, mas através de uma síntese exemplificá-las, Paulo apresenta as atitudes humanas que estão no *caput* de todos os males que podem conduzir o cristão a uma vida fora da graça humanizadora de Cristo. Em contrapartida, os frutos (*karpói*) do Espírito, diferentemente das obras (érga) da carne, dão ao fiel condições de corresponder à altura, ao chamado à santidade que o sacrifício da cruz faz a cada membro da comunidade. É certo que a abertura à vontade divina pertence ao foro íntimo de cada pessoa, mas quando a mesma se convence deste bem, é sob o impulso do Espírito que a mesma é presenteada com seus frutos.

3 O amor ao próximo como expressão da liberdade cristã

O termo liberdade (*eleuthería*) aparece 11 vezes no NT, das quais 7 vezes em Paulo⁷. De tal modo que, se de maneira implícita o conceito de liberdade está presente no AT por intermédio da Torá, no NT de modo explícito na literatura paulina, a liberdade se alcança por meio da fé (enquanto processo de conversão que dura para a vida toda) e do batismo que insere o indivíduo na comunidade dos crentes. Tais elementos constitutivos das comunidades cristãs primitivas que alcançam os cristãos da atualidade, são fundamentais no seguimento de Cristo Jesus.

⁷ K. NIEDERWIMMER, *eleútheros, eleuthería*, in BALZ, H.; SCHNEIDER, *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*, vol I, p. 1320.



Paulo, em Gl 5,13-14, explicita que a melhor maneira de se cumprir a lei, se dá no exercício do amor de uns para com os outros. Muito melhor que a circuncisão e a adoção das práticas alimentares da tradição judaica, abraçar o essencial da lei possibilita uma vivência do querigma cristão num movimento de dentro para fora, muito mais eficiente do que propõem as práticas legais judaicas externas, que preveem uma adesão a partir de fora para dentro.

É certo que Paulo traz em sua mente a tradição veterotestamentária, de modo especial os textos do Decálogo, expressos com suas variantes, onde propositalmente de maneira breve, se apresentam as ordens dadas do Senhor a Moisés, e por conseguinte às doze tribos de Israel. Toda essa brevidade tem uma razão de ser, ela se dá para que todo israelita consiga memorizar e guardar tais ordens. Em Ex 20 e Dt 5 essa preocupação se apresenta de maneira bem clara, porém, vale também ressaltar que existem preocupações bem peculiares na fórmula exposta em cada uma delas.

Numa primeira leitura do texto somos tentados a dizer que se trata de um mesmo texto com pequenas variações. No entanto, essas variações são indícios de uma origem recente dos Dez Mandamentos e dificilmente podemos dizer que estas versões têm na sua origem um “decálogo primitivo”, mas nos leva a crer em coleções independentes que são demarcadas pelo conjunto de palavras proibitivas, as quais são introduzidas pelo termo de negação. Assim, podemos encontrar nestes textos a formação de unidades autônomas: As duas formas (Ex e Dt) do Decálogo não são totalmente iguais⁸.

Assim sendo, é certo que ambas as tradições que constituem o elenco de mandamentos que devem ser observados, possuem preocupações mais regionais ou particularizadas, de acordo com as necessidades de seus interlocutores, admitindo-se assim as variações apresentadas. O que não se questiona, porém, é o caráter proibitivo que permeia a linguagem jurídica, adotada pelos Dez Mandamentos.

Note-se que a sua preocupação, o pano de fundo da construção, é: a observância do culto monoteísta, do ajustamento das relações sociais e com as demais coisas criadas por Deus. Porém, o caráter negativo, o imperativo rígido de observância destes mandamentos, dependendo de como for interpretado, abre a possibilidade de transmitir aos leitores do

⁸ SILVA, Rafael Rodrigues. *Teologia e direito – O mandamento do amor e a meta da justiça*. p. 121.



AT uma impressão inautêntica do agir de Deus. Atribuindo a Ele características de um Pai tantas vezes belicoso, irascível. Sem o atento cuidado na hermenêutica do texto Sagrado, o leitor/ouvinte poderá ser induzido a erro, ao dar esta tônica ao Decálogo, seja em Ex 20, Dt 5 ou Lv 19⁹.

Percepção essa, que parece não traduzir a intenção do apóstolo Paulo em sua forma de apresentar o Mandamento do Amor ao Próximo em Gl 5,13-26. Pois em Gl 5, o Apóstolo recorre ao Decálogo, mas previamente à apresentação da síntese “Pois toda lei numa só palavra se completa nisto: amarás o próximo teu como a ti mesmo” (v. 14). Paulo associa a este mandamento a ideia de liberdade¹⁰.

Em outras palavras, o substrato legal advindo das fontes veterotestamentárias se mantém. A questão em relevo, então, deve ser como Paulo reinterpreta esses elementos e como os aplica à vida dos gálatas. Paulo não coíbe judeus a manterem seus costumes e tradições, que isso fique bem claro; o que o Apóstolo defende é a não sujeição dos gentios a tais práticas, mas que os mesmos apenas “sigam” os judeus naquilo que se pode chamar de uma ética abraçada pelo povo judeu, mas que se estende a todo o gênero humano.

Assim como a salvação possui alcance universal, a observância do amor de uns para com os outros também é de competência de todo o gênero humano. Talvez a “virada copernicana” promovida pelo Apóstolo dos Gentios se dá no exato momento em que, superando todo legalismo da letra, ele apresenta o Mandamento do Amor ao Próximo, num outro viés. Enquanto a tradição do antigo Israel admite a importância deste mandamento sob a égide do cumprimento de uma obrigação imposta por Deus (assim como não cobiçar a mulher do próximo, a propriedade, o jumento e etc.), em Paulo a característica fundamental da observância não é esta da obrigação, mas da condição para se tornar verdadeiramente livre.

⁹ GRENZER, Matthias, SANTOS, Maria Cristiane. *Quem é o “próximo”?* À procura da personagem presente na formulação jurídica em Lv 19,18c. p. 348-365.

¹⁰ O termo liberdade em Paulo é digno de nota. Diante das distorções da compreensão moderna do que seja a liberdade, se faz necessário esclarecer que liberdade para Paulo não é “anomismo libertino”, ou seja, como o Apóstolo mesmo afirma em Gl 5,13b não é “um pretexto para carne”. A liberdade para Paulo, implica em comprometimento com uma vivência adequada ao projeto do Evangelho, logo se torna muito mais exigente viver segundo a liberdade, do que tutelado por algo ou alguém. Tornar a própria consciência, pautada no Evangelho, medida de todas as coisas, é tarefa das mais exigentes.



4 O mandamento do amor ao próximo e sua atualização pastoral

A universalização da mensagem do Evangelho sempre aparece com proeminência no discurso paulino, assim como em outros autores do NT. O Apóstolo amplia o alcance da mensagem que oferece a todo ser humano a salvação. Paulo tenta de todas as formas sublinhar a perspectiva do amor misericordioso, e com isso atenuar as prescrições legais (alimentares, rituais e culturais) da religião judaica, para que a mesma se tornasse mais acessível a todas as culturas e povos. Traçando aqui um paralelo com o magistério atual da Igreja Católica, em Francisco, não estaria latente esse espírito paulino, desejoso de alcançar mais e melhor as pessoas que se afastaram da Igreja (cf. EG) e, ainda, dialogar com membros de outras tradições religiosas? (cf. Documento sobre Fraternidade Humana)

Assim, a peleja do Apóstolo se mantém muito atual, no sentido de que ele acena para a vivência de uma lei (pneumatológica) sem legalismo. Aparentemente as palavras “liberdade” e “lei” parece que não dialogam. Porém, o mais importante é perceber que, segundo Paulo, ou os membros da comunidade cristã se exercitam no amor de uns para com os outros, a fim de experimentar uma vivência concreta que os torna progressivamente livres, ou por seu individualismo gerador de inimizades, rixas, invejas, ciúmes e ódios, etc. (v. 20) permanecem escravos e mergulhados numa falsa religião¹¹.

Paulo estava de fato argumentando que, para os cristãos gentios na Galácia, colocar-se “sob a Lei” era o mesmo que voltar a sua antiga posição (gentilica) de escravidão, submetendo-se às forças elementares (4.9). Em outras palavras, Paulo estava fazendo exatamente o que faziam outras facções judaicas daquele tempo: ele estava acusando aqueles que discordavam do seu entendimento a respeito do propósito de Deus e da Lei de Deus de “viver como gentios”, isto é, nesse caso, de voltar para seu antigo status no gentilismo. Para Paulo, a Lei exercia o papel

¹¹ Segundo o Documento sobre “A Fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum”, uma experiência religiosa que estimula o ódio, a indiferença frente a dor e ao sofrimento do próximo e que, ao não se comprometer com o semelhante, se encerra numa piedade individualista e intimista, somente pode ser reconhecida como uma falsa piedade e, portanto, uma falsa religião. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html>. Acesso em: 17 nov. 2019.



de uma força celestial em relação a Israel: os judeus estavam “sob a Lei”, “sob a custódia de um escravo”, “sob capatazes (escravos)”¹².

Hoje, num mundo globalizado, fragmentado e plural, do ponto de vista da ação do Espírito, a “região da Galácia” deu lugar a um mundo sem regiões ou divisões territoriais. A dimensão da fraternidade humana universal, que se encontra na essência da fé cristã e de toda tradição religiosa que entende adorar e servir ao único Deus por meio da vivência do amor ao próximo, constitui-se o grande desafio para o gênero humano. Amar o semelhante diferente, cultural e religiosamente, sem optar atitudes discriminatórias ou qualquer forma de intolerância ou acepção de pessoa é, talvez, o grande testemunho de vida que os cristãos e todos os crentes são chamados a viver no cotidiano¹³.

Paulo era suficientemente realista para reconhecer que a perfeita liberdade é situação ideal. É algo em rumo de que a comunidade cristã deve se esforçar, mas que pode falhar em ser perfeitamente realizada no presente. Este fato se lhe tornou consciente pela existência de suas próprias comunidades, compostas de convertidos adultos. O fervor de uma comunidade autêntica protege o crente de continuar a ser influenciado pelas forças sociais que Paulo designa como pecado, mas o Apóstolo foi forçado a admitir que mesmo dentro de uma comunidade cristã podem permanecer traços residuais do modo inautêntico de ser. Essa dimensão do seu pensamento chega a mais clara expressão em Gl 5,13-26¹⁴.

Em outras palavras, ainda hoje as comunidades cristãs fazem a experiência de uma vivência inautêntica da liberdade proposta pelo Evangelho. Escondendo-se atrás de posturas restauracionistas, existem muitos que hasteiam a bandeira da sã doutrina, crendo ser seu grupo o detentor da fé verdadeira e viva. Mal se atentando para o legalismo a que expõem os membros da comunidade, de modo especial os mais jovens, tão suscetíveis a tais modelos duros e conservadores.

¹² DUNN, D.G. James. *Echoes of Intra-Jewish Polemic in Paul's Letter to the Galatians*. p. 472.

¹³ Conforme, o Documento sobre “a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum”. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html>. Acesso em: 17 nov. 2019.

¹⁴ O'CONNOR, J. Murphy. *A antropologia pastoral de Paulo*. Tornar-se humanos juntos. p. 171-172.



Porém, na contramão de tudo isso, o Papa Francisco, desde aquela noite chuvosa de Roma, em 13 de março de 2013, tem se mostrado um entusiasta da legítima aplicação do espírito do Concílio Vaticano II. Por meio de gestos simples e concretos de acolhimento e diálogo, tem-se apresentado como o exemplo mais global de como viver o Mandamento do Amor ao Próximo. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* é o documento do Magistério da atualidade, que mais expressa o desejo de uma fé vivida para além de estereótipos legalistas arcaicos, mas que conserva em si o fundamento da fé, com as adaptações necessárias, já aventadas pelo Vaticano II.

É muito caro a Francisco, fazer com que a Igreja se perceba uma casa de portas abertas e não uma alfândega cheia de intermináveis listas burocráticas que precisam ser rigorosamente preenchidas para se dar o acesso. O próprio sacramento da Eucaristia, centro e ápice da fé cristã católica, não se pode tornar prêmio para os perfeitos, mas remédio e força na caminhada do enfermo, do pecador. Francisco, faz questão de enfatizar que tais propositivas pastorais precisam ser observadas com prudência e audácia (EG 47).

É certo que Evangelii Gaudium se tornou um megafone que reverbera para a Igreja Universal, a respeito do que Francisco, como bispo advindo da América Latina, viveu e aplicou em seu pastoreio, nessas terras distantes do Velho Continente. Jorge Bergoglio sempre expressou sua pertença eclesial, teológica, espiritual, afetiva, cultural e política à América Latina. Em seus escritos realizou uma hermenêutica de nossa cultura, aproximando-se daqueles que “se animaram a pensar a América a partir da América como latino americanos”. Francisco foi eleito porque as periferias do Orbe se fizeram presentes na Urbe. Roma é o centro da caridade e da comunhão católica e cada Igreja unida a ela é um centro de vida teológica e pastoral¹⁵.

A atitude de Francisco de incentivar que a Igreja esteja presente nas periferias, sejam elas geográficas ou existenciais, resgata o conceito “Povo de Deus” que caracterizava a Igreja a partir do Concílio Vaticano II. Uma comunidade de fiéis batizados que se preze, não pode deixar abandonado na beira do caminho, aquele que por condição de sua natureza humana, também foi alçando pelo excepcional projeto salvífico histórico universal, pensado pelo Pai e aplicado pelo Filho na ação do Espírito.

¹⁵ Cf. GALLI, Carlos Maria. *La teología pastoral de Aparecida*, una de las raíces latinoamericanas de *Evangelii Gaudium*. p. 31.



Assim também, em *Amoris Laetitia*, Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o amor na família, Francisco expõe mais uma vez estas suas características dialogais e de anti-legalismo. Em paráfrase ao “Hino à Caridade” (1Cor 13) de Paulo, o Papa Francisco reflete sobre o termo grego “*macrothymei*”. Afirma: A sua tradução não é simplesmente “suportar tudo”, porque essa ideia é expressa no final do v. 7. O sentido encontra-se na tradução grega do texto do AT no qual se afirma que Deus é “lento para a ira” (cf. Nm 14,18; cf. Ex 34,6). Uma pessoa mostra-se paciente, quando não se deixa levar pelos impulsos interiores e evita agredir. A paciência é uma qualidade do Deus da Aliança, que convida a imitá-Lo também na vida familiar. Os textos nos quais Paulo usa este termo devem ser lidos à luz do livro da Sabedoria (cf. 11,23; 12,2.15-18): ao mesmo tempo que se louva a moderação de Deus para dar tempo ao arrependimento, insiste-se no seu poder que se manifesta quando atua com misericórdia. A paciência de Deus é exercício da misericórdia de Deus para com o pecador e manifesta o verdadeiro poder (AL 91).

Ainda neste impulso paulino, supracitado por Francisco, pode-se compreender que, assim como a paciência, a liberdade cristã desabrocha no serviço mútuo, no clima do ágape descrito em gálatas. Longe de encerrar o homem em sua suficiência, ela o entrega aos outros, como o Cristo que se entregou por amor (Gl 2,20). O Espírito Santo é o autor decisivo: andemos sob o impulso do Espírito (Gl 5,25), porque onde se encontra o Espírito do Senhor está a liberdade (2Cor 3,17). Na Epístola aos gálatas, Paulo visa especialmente todas as prescrições com as quais a Lei cercava, como que com uma rede, a vida cotidiana do judeu¹⁶.

A problemática acerca de uma tradição religiosa legalista que sufoca a fé e o desejo de pessoas possuidoras de histórias limitadas, do ponto de vista de um seguimento pleno dos ordenamentos eclesiais (leia-se obrigações legais), é o “pão de cada dia” de bispos, presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e lideranças leigas. Cotidianamente batem às portas das Igrejas pessoas com suas vidas fadigas (EG 47) em busca de um pouco de compreensão e acolhimento. O apóstolo Paulo, de modo muito particular em sua carta destinada às comunidades gálatas, pode trazer contribuições significativas na vivência autêntica do amor na liberdade.

¹⁶ Cf. COTHENET, Edouard. *A Epístola aos Gálatas*. p. 87.



Percebemos, com isso que, de fato, a Carta aos Gálatas, que aparentemente está tão distante do mundo e do homem hodiernos, se revela extremamente atual, viva, tão interessante, problemática, forte, libertadora e séria como foi no tempo de Paulo para rebater os conflitos com os judaizantes (legalistas) e fixar o verdadeiro caminho a ser seguido. Até mesmo porque os conflitos fazem parte da vida e nos ajudam a crescer; seja na vida pessoal seja na vida eclesial. Como bem observa Losada, muito pelo contrário, os conflitos, na maioria das vezes, nos ajudam a crescer e são reveladores de uma riqueza muito grande, se vividos e superados com caridade e na dimensão daquilo que Dunn chama como sendo característica da teologia paulina: o diálogo. Um diálogo que inclua todos os paulinistas, desde os tempos do início da era cristã até os nossos dias, passando realmente por todos¹⁷.

Conclusão

Em Paulo, viver de modo autêntico o amor ao próximo é fundamento da liberdade cristã. Ele quer que a comunidade cresça na habilidade de discernir entre o bem e o mal, rejeitando este último para abraçar o que é bom, agradável e perfeito aos olhos de Deus (cf. Rm 12,2).

Paulo confia na capacidade que cada indivíduo (e comunidade) possui, à luz do Espírito recebido, de assumir sua liberdade na dinâmica da responsabilidade. Segundo diversos autores, a maneira de expressar sua antropologia e sua profunda preocupação com a vivência do amor mútuo e fraterno, demonstram o porquê, de modo explícito, Paulo praticamente não fale do primeiro Mandamento que é o de amar a Deus.

Nestes tempos pós-modernos, ou ultramodernos como costumam chamar alguns estudiosos, situações intrincadas assaltam as instituições de maneira cada vez mais aguda. Para tanto, existem muitos que acreditam que abraçar formatos legislativos mais duros e enquadrados, seria uma alternativa interessante para se resolver estes impasses.

Note-se bem: até mesmo um leitor descuidado que, com um mínimo de honestidade intelectual, entrar em contato com a exposição do apóstolo Paulo em Gálatas, certamente, constatará que modelos carregados de legalismo nunca foram aqueles utilizados na constituição das comunidades primitivas. Da mesma forma, tampouco, utilizou-se

¹⁷ GONZAGA, Waldecir. “A Verdade do Evangelho” (Gl 2,5-14) e a Autoridade na Igreja. p. 413.



uma linguagem que, por coação, promovesse uma adesão ao querigma cristão. É pelo amor, e tão somente no amor de uns para com os outros, que se dá a legítima adesão e posterior crescimento/amadurecimento no discipulado cristão.

Referências

BARBAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo II*. São Paulo: Loyola, 1991.

BECKER, J. *Apóstolo Paulo: Vida, Obra e Teologia*. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Tradução José Ferreira de Almeida. São Paulo: SBB, 1995.

COTHENET, Edouard. *A Epístola aos Gálatas*. São Paulo: Paulinas, 1985.

DUNN, D. G. James. Echoes of Intra-Jewish Polemic in Paul's Letter to the Galatians. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 112, n. 3, 1993.

FERREIRA, Joel Antônio. *Gálatas – A Epístola da Abertura de Fronteiras*. São Paulo: Loyola, 2005.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Letitia – Sobre o amor na família*. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO; AHMAD AL-TAYYEB. *Documento sobre a Fraternidade Humana em Prol da Paz Mundial e da Convivência Comum*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html>. Acesso em: 17 nov. 2019.

GALLI, Carlos Maria. *La Teología Pastoral de Aparecida – Una de las Raíces Latinoamericanas de Evangelii Gaudium*, Roma: Gregorianum 96,1, 2015.

GONZAGA, Waldecir. “A Verdade do Evangelho” (Gl 2,5-14) e a Autoridade na Igreja. Santo André: Academia Cristã, 2015.

GRENZER, Matthias; DOS SANTOS, Maria Cristiane. Quem é o “próximo”? À procura da personagem presente na formulação jurídica em Lv 19,18c. *Revista de Cultura Teológica*, [S.l.], n. 93, p. 348-365, jun. 2019.



ISSN 2317-4307. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.i93.42663>>. Acesso em: 17 nov. 2019. doi:<https://doi.org/10.23925/rct.i93.42663>.

HANSEN, G. W. “Carta aos Gálatas”, in: HAWTHORNE, F. Gerald; MARTIN, P. Ralph; REID, G. Daniel. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008. p. 579-593.

MURPHY-O’CONNOR, J. *A Antropologia Pastoral de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. *Paulo – Biografia Crítica*. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Paulo de Tarso – História de um Apóstolo*. São Paulo: Loyola, 2007.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

NIEDERWIMMER, K. “Eleuthería”, in: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento*. Vol. I, Salamanca: Sígueme, 1996. p. 1318-1326.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral – Raízes bíblicas do agir cristão*. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. *O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na bíblia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2002.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHNELLE, Udo. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2004.

SILVA, Cássio M. D. *Metodologia de Exegese Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SILVA, Rafael R.; PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso M. L. Orientações para a vida: Os Dez Mandamentos e o direito no antigo Israel. In: SOARES, Afonso M. L. e PASSOS, João Décio. (Org.). *Teologia e Direito: O mandamento do amor e a meta da justiça*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.